

A CRVALLIDA

Periódico da Mocidade Brasileira do Lyceu Cuyabano

REDACTOR CHEFE: Martins de Almeida

COLLABORADORES:--Diversos

N. 3

Cuyabá, 29 de Março de 1926

ANNO I

A aspiração

A vida é uma aspiração em marcha para o infinito.

Espalhar o vosso olhar em torno e vereis que em tudo que vive, palpita este desejo inconsciente de alcançar alguma coisa, de subir, de se enaltecer.

Esta é uma lei eterna e que necessariamente se observa como contraria a da gravidade: enquanto esta reclama, atrai e prende a matéria, há como que uma força repulsiva que incita, levanta e arrebatava o espirito das cousas ás alturas da perfeição.

Que de anseios não escondem uma semente! Silenciosa e sonhadora, ao contacto mágico da terra, abre o seio sinuoso virginal ao calido beijo de um raio loiro de sol e o embrião já é planta que espalma os dedos das folhas, pedindo mais luz, calor e ar; enquanto as raízes chupam a seiva vivificadora da terra; na esperança de que a primavera lhe dê coroa de flores e o outomno opulento a de frutos.

Aliás, este anseio universal, está admiravelmente observado nestes singellos versos de Junqueiro:

"Parece que isto é fado,
Parece que isto é lei
Que tudo neste mundo
Lá tenha a sua magua.

Parece que isto é fado,
Parece que isto é lei
Que tudo neste mundo
Lá tenha a sua magua.

O vosso que como o bardo da gloriosa Lusitânia aspira o céu ou a suprema felicidade cultivando o vosso espirito com as a mas do talento, na bôa seara do Bem e da Verdade, da Justiça e da Lei, do Amor e da Fé, eu vos bendigo, porque sois uns bemaventurados.

Mas, vós, homens, para quem a vida se resume na obsedante materialidade da riqueza e da carne, deixae de ser loucos, porque "não só de pão vive o homem" e "a carne mata e o espirito vivifica".

Não queremos dizer que já não trabalheis para adquirir des os bens da terra, pois sabemos perfeitamente que "a natureza não dá saltos", mas, nós vos diremos que todo aquelle que adquire um pão, tem o alimento de um instante e todo aquelle que communica a hostia da fé, tem alimento pela eternidade.

Podeis e deveis até desejar a riqueza, para com ella terdes o bem estar que vós podê proporcionar e um dos instrumentos para praticardes a caridade.

Não podeis é almejar a fortuna, para cumprir o vosso orgulho, cevar a vossa ambição

ou saciar o vosso instincto.

Sêde ricos se quizerdes, mas, grandiosos, como rio e grandioso é o oceano: abriga no seio perolas sem conta, coraes innumerados, navios magestosos, thesouros ignotos, (que mais direi?) sereias encantadas, arcanos mysteriosos, entretanto, a sua alma, a sua grande alma, dizem os poetas, aspira o ceu, e se retorçe, e espuma, e arqueia o peito gigantesco aos astros, e escabujando se espalha por dois terços da superficie terrestre, sempre buscando o horisonte que lhe foge como uma illusão.

Vivei assim dentro de um sonho nobre de elevação e aperfeiçoamento, trabalhando sempre para realisalo, porque aspirar alguma coisa já é se preparar para a jornada do triumpho, mas, é preciso andardes, para que alcanceis a Canaan doirada que no além vos seduz.

IRMÃOS MIRAGLIA

Jóias e relógios

Telephone, 244

Rua 13 de Junho, 104

A Primavera

de

Antonio Abdala Herane

Fazenda, calçado, miudezas, sortimento novo por PREÇOS BARATISSIMOS

Rua 13 de Junho, 100

Scena triste

Erguia-se ao pé d'uma serra, uma casinha branca. Na frente d' esta estendia-se um lago sereno e ataz cascadeava um regato rucisono entre os verdes.

Habitava aquella miseravel casa um casal de velhinhos. O velho chamava-se Dani. Este tinha uma linda filha, que era sua delicia, joven e bella!

A Virgem loira tinha os olhos pretos, nariz aguilino, rosto oblongo. Era meiga, bella como a pomba e amavel como a rolinha apaixonada. Apenas sorria com tristeza. Dos seus labios risonhos, surgiam palavras melancolicas. Chamava-se, a bella virgem, Esther. Seu pae, que desde muito vinha notando aquella tristeza profunda, perguntou-lhe o que tinha que andava assim tão triste. — Não sei, responder-lhe com um ar tristonho, o que me tortura a alma.

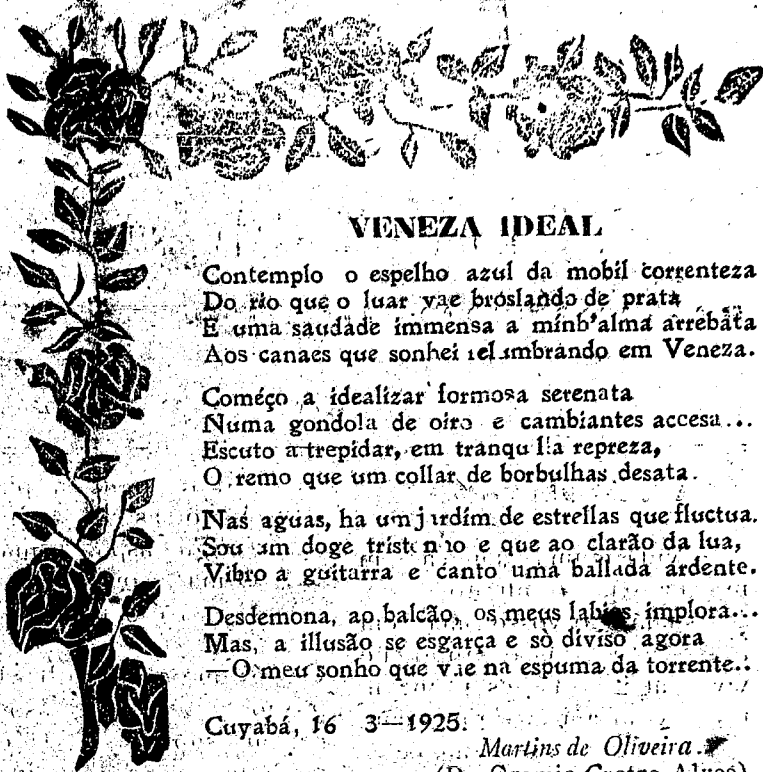
Depois que seu pae retirou-se, a virgem loira começou a chorar, por não ter contado o que sentia. Morava a uns kilometros distante, um ri-par bonito pela sua robustez. Chamava-se Constantino. Constança amava-o de todo coração, senão o seu olhar constante. Casto e candido era o seu amor! Mas, que fazer, Daniel não queria. Este castigava-a, amedrontava-a, em tudo isso era debalde.

Foi numa tarde de céu sombrio e terra negra, que a virgem sahira para passear-se sob os arcos cantados. Vinha chegando a noite, o sino melancolico, do campanario, annuava a Ave-Maria. Esther não vinha. Que delirio! O velho poz-se a chorar. A filha já vinha rompendo o horizonte pallido. Que noite angustiosa! O velho passava a sem cessar pela frente da casa. Volvia os olhos amortecidos para a gentil campina, não via na solidão, senão a tristeza. Nessa hora, a meiga aragem corria mansamente. Negras magoas! Moravam no coração do pobre velho, o desespero e a tristeza!

Com fronte pallida, voltou para o céu com ternura e murmurou: Deus tende piedade de mim, tire-me d' este soffrimento.

Deus fez o seu de jeo. O pobre cerrou os olhos para sempre.

Saudosa melancolia! Só a so-



VENEZA IDEAL

Contemplo o espelho azul da mobil correnteza
Do rio que o luar vai brotando de prata
É uma saudade immensa a minha alma arrebatada
Aos canaes que sonhei lembrando em Veneza.

Começo a idealizar formosa serenata
Numa gondola de ouro e cambiantes accesa...
Escuto atrepidar, em tranquilla repreza,
O remo que um collar de borbulhas desata.

Nas aguas, ha um jardim de estrellas que fluctua.
Sou um doge triste no rio e que ao clarão da lua,
Vibro a guitarra e canto uma ballada ardente.

Desdemona, ao balcão, os meus labios implora...
Mas, a illusao se esgarça e só diviso agora
— O meu sonho que vai na espuma da torrente..

Cuyabá, 16 3—1925.

Martins de Oliveira.

(Do Gremio Castro Alves)

lidão testemunhou aquella scena triste.

Taedium vitae!

Ambrosio

Visão de Primavera

A lua declinava no horizonte. A claridade feita de melancolia beijava as copas dos pinhaes e os rebordos dos montes solitarios!. Estrellas timiditas brilhavam em clareiras esbranquiçadas. A brisa fresca da madrugada soprava na garganta da montanha, sacolejando as folhas novas dos pinhaes. Uma branca mancha indicava no oriente o nascer do sol. Desce a encosta um tanto aspera da montanha. Mattas de carvalhos surgiam, fontes borbulhantes desciam cantando: frescura dos campos orvalhados. O rosto risonho de um sol de Maio, brilhava. Ao longe, collinas verdejantes, tapetadas de lyrios, reverberavam ao beijo ardente da candida luz matutina. A beira dos caminhos, laranjaes floridos, castanheiras sombrias, ciniços em flor. Floriam na força da sua mocidade, junto aos balções da nivea casa rustica: cravinas per-

fumosas, jasmims alvissimos e simples, camélias palidas como martyrisadas de soffrimento, lilases, rosas ensanguentadas. Harmonia incomparavel de cores e perfumes. Lá mais embaixo, os doces ruidos da ecloga elevam-se aos céus: balidos de rebanhos, apelos de pastor, cantos de ceifeiras, um sino ao longe..

No meio daquellas melodias florestaes, ouvi um canto nitido e crystalino. Era o gorgoeio de um passaro ou o canto da camponeza? Não! Agarganta das avesinhas do bosque não podia produzir aquellas vozes de crystal, tambem não era um canto camponez. Depois de pequeno intervalo, mais brandas e suaves, aquellas vozes maviosas fizeram-se ouvir. Em vão procurei pela folhagem escura ou atraz dos troncos robustos das carvalheiras, donde pareciam enfim partir aquellas vozes seductoras, alguma nympha mysteriosa. O dia todo busquei-a, a correr pelas ribanceiras e pelas campinas, sem encontrá-la. Desesperado, o rosto esfogueado, detive-me á margem d'um lago que reflectia em suas aguas azues todas as belezas da floresta. Curvei-me e

naquellas aguas vi o retrato de uma nympha.

Bella, de uma belez extranha, n'uma innocente nudez pagã, lindas eram as linhas do seu corpo esbelto. Seus cabellos castanhos e opulentos, cobriam grand parte do seu corpo; seus olhos negros eram leitões, de ternura e misericordia; seus labios roxos e fortes; seu sorriso pleno de doçura.

Bella e melancolica era a reproducção de uma d'essas angelicas esposas biblicas.

Curvei-me mais, e meus labios tocaram os da tremula imagem.

Brandas e suaves como uma despedida, aquellas vozes extranhas fizeram-se ouvir, mas, agora ellas tinham qualquer coisa de tristeza.

Era o fim do dia. Cheia de mysterio, e melancolia, tomba a noite.

Um luminosa véo envolve a terra.

As aves canoras soltam seus gritos de angustia, ao despedirem-se do dia que morre.

As notas graves de uma flauta de pastor echoaram na tranquillidade da noite.

Silencioso e pensativo, caminho pela lisa estrada em busca do meu lar.

Como é triste o despertar das illusões!

Thylso Castellamar.

RECORDAÇÃO

Era uma linda tarde de verão, quando ainda o sol coava os seus ultimos raios nas ramarias dos arvoredos.

Os passaros, de volta aos seus ninhos, onde pipilavam os filhotes, levavam lhes os alimentos necessários á vida.

Nós nos sentamos ao terreiro da nossa fazenda, para contemplar o desfallecer do dia e apreciar-mos o esplendor da natureza e as riquezas do solo.

O dia estava já vencido pela noite e a lua fluctuava no azul, ostentando a sua belleza sem igual. E as estrelas, em cardumes, brilhavam como diamantes, dando realce á vegetação que nós ficava á dianteira.

Conosco estavam reunidos muitos parentes e amigos, em alegre festival, por ser aquelle o

dia do natalicio de minha querida mamãe.

De quando em quando, ouviamos o marulhar monótono das aguas.

Era o regato que corria, melancolico, espreguiçando-se entre os verdores da graciosa campina.

Eu e quatro ou cinco collegas, nos dirigimos ao regato que proximo deslisava.

A lua já ia alta; o luar era tão lindo, que parecia ser dia.

Enquanto os collegas estavam alegres, pescando, eu, solitario, scismava ao sopé da ribanceira, contemplanço a luz da lua e a sua belleza sobre a folhagem.

Recordava-me dos tempos passados, d'aquelles dias e m que tudo me era, alegria, tudo me sorria, dias que não mais voltarão!

Assim, passei segurmente uma meia hora n'aquelle lugar, tendo o espirito, embebido nas recordações passadas. Mas eis que surgem duas canoas, cheias de pescadores, que bem a minha frente jogaram as suas redes.

Naquelle momento assustei-me e vi que elles entoavam cantos alegres, saudando a Deus, e á lua.

Imediatamente se encheram as redes de peixes.

O luar estava bellissimo, tudo era prazer e alegria, aqui e acolá os cães ladravam, lá muito além do campo, nos sertões desnudos as onças uivavam.

Em torno de mim as mimosas florinhas espalhavam no ambiente os seus aromas picantes e agradáveis.

Depois chamei os collegas e todos regressamos á casa, encontrando no caminho muitas pessoas que iam ao regato apreciar a quella encantada natureza.

Em chegando á casa, participamos da brincadeira que lá havia, e assim passamos aquella noite com muita alegria, o que muito concorreu para deixar em todos inimitáveis saudades.

Cuyabá, Maio de 1926.

Basílio Joly.

Chaker Mikui

Vende a preços modicos

Fazenda, amarrinho, artigos de moda etc.

Rua 1. de Março 19

A PROCURA DE FELICIDADE

A tarde esta bellissima.

Ainda o astro rei despede os seus já fracos raios, envolvendo a terra em um manto de moribunda luz.

Todos passeiam alegres e risinhos pelo jardim situado á beira do rio... que banha a cidade de... Perfumes... a... simpregam no ar; myriades de multicores borboletas reflectem em suas azas os raios do sol, dando ao vultear-se de flor em flor, a visão maravilhosa das mil e uma noites.

A alegria e o prazer são ali, por todos respirados. O sol ao reflectir-se nas sempre movediças aguas do rio parece expedir milhões de pequeninas settas douradas que Cupido, radiante e victorioso, arremessa aos corações dos jovens pares, alli gozando doce encanto dos seus amores.

Quem diria, porém, que no meio de tanta alegria, 2 jovens, em plena robustez da mocidade, permanecessem tristonhos e abatidos?

No entanto, occulto por uma verdejante moita onde passaros, trindando, entoavam hymnos á Natureza, um casal fazia as suas despedidas.

Quem é? — E Luiz Alvear e Elza Castro que ardentemente se amam; porém, entre Luiz e sua amada um abysmo se interpõe, pois, o pae de Elza, apesar de não ser millionario, sómente concederá a mão de sua filha a quem tiver a sua bolsa recheada.

Disso Luiz sabia e, para que obtivesse a sua querida Elza, havia muitos dias que elle procurava um meio de vida, proporcional ao maior rendimento que o de um simples funcionario publico, quando leu em um dos jornaes de sua cidade a descrição do grande diamante achado nas minas do rio das Garças, região do grande e rico Matto Grosso.

E a razão da tristeza sua e de sua amada é que communicava a sua inabalavel resolução de partir á procura de uma pedra que lhes traga a tão almejada felicidade.

No dia seguinte ao do seu encontro partiu Luiz.

Bem sentia que deixava alli

A CHRYSALLIDA

Publicação quinzenal -- Redacção: Rua 1.ª de Março 20

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

um pedaço do coração, mas, dependia de sua partida a almejada felicidade.

Jamais Luiz dali se afastaria se soubesse que, em vez de encontrar a pedra procurada, encontraria a morte!

Seis mezes trabalhara de sol a sol!

Com que emoção fazia a lavagem das pedras que lhe vinham ás mãos!

Entretanto sorria a cada desillusão, nunca perdendo a esperança. Todos admiravam a sua tenacidade: era o primeiro que se levantava e o ultimo que se recolhia.

Uma tarde, o sol se escondia no horizonte, tingindo d'ouro as nuvens do poente. Luiz, com o coração constrangido pelo infortunio, abandonava o serviço e cabisbaixo retirava-se para seu rancho, quando diviso, misturada com as pedras ordinarias, uma que reflectia com mais intensidade os já moribundos raios solares.

Rapido apanhou-a, verificando ser um dos rarissimos diamantes de tom amarellado! De joelhos, naquella mesmo lugar, agradeceu a Deus, o achado tão precioso, e que lhe trazia a sua cara Elza.

O copazio fôra avaliado em 500 contos de reis. -- Luiz era já mais rico que o orgulhoso pae de Elza!

No dia seguinte, partia para

A sua ansia de chegar era grande; nem mesmo se lembrava de dar descanso á sua cavalgada que pacientemente tolerava a negligencia do seu senhor.

Eram 11 horas da noite e ainda Luiz caminhava. A lua encoberta por um pesado manto de nuvens, apenas lançava á terra uma luz baça, que dá ao espectáculo um aspecto de somnolencia, de tristeza...

O estampido de um tiro resôa lugubrememente, indo se quebrar ao longe, nas asperas encostas de um monte que repete o seu echo. Um corpo pesado ca-

he ao solo. Cuvem se o barulho de vozes e o resfolegar de quem lucha, seguido de imprecações gemidas.

Um animal assustado galopeia desesperadamente pelas matas.

Tudo de novo torna a um pesado silencio, somente cortado pelo fúnebre gargalhar distante de uma coruja.

No dia seguinte encontrou-se na estrada o corpo de Luiz que com a mão esquerda apertava fortemente o diamante e com a direita um longo punhal tinto de sangue; ao seu lado jazia um outro corpo com o peito horriavelmente dilacerado. -- Luiz defendêra até a ultima gotta de sangue a pedra que lhe traria a felicidade.

João.

Gremio Lyceista Olavo Bilac

Com a garrulice e o entusiasmo proprios da mocidade, reuniram-se varios alumnos do Lyceu, afim de tratarem da fundação de um Gremio. Aqui transcrevemos a

Acta da sessão de fundação do Gremio Lyceista Olavo Bilac

Aos dezeses dias do mez de Maio de 1926, ás 9 horas, reuniram-se varios alumnos no salão nobre do Palácio da Instrucção afim de tratarem da fundação de um gremio.

Assumiu a presidencia o sr. Diocleciano Martins de Oliveira, que chamou para ladeal-o, como 1º secretario, o alumno João Baptista Pulcherio Filho e como 2º, Celso de Oliveira Albuquerque.

O senhor presidente abriu a sessão, expondo os motivos da mesma. Foi em seguida posto em discussão o nome da sociedade, ao q. o sr. presidente lembrou o nome de Gremio Casimiro de Abreu. O sr. Antonio Romualdo da S. Pereira pedindo a palavra apresentou a idéa de se ad-

ar este assumpto para a proxima reunião, não tendo sido approvada pela casa. O Sr. J. B. Pulcherio Filho tendo lembrado o nome de Olavo Bilac; foi posta em discussão e approvada a sua idéa.

Tratando-se da eleição da mesa foram eleitos para Presidente o Sr. Diocleciano Martins de Oliveira; para 1º Vice-Presidente, o Sr. Benjamin Duarte Monteiro; para 2º Vice-Presidente, o Sr. Clodoaldo de Oliveira Bastos; para 1º Secretario, o Sr. João Baptista Pulcherio Filho; para 2º, o Sr. Antuiba Molina; para Thesoureiro, o Sr. Ernesto Pereira Borges; para Bibliotecario o Sr. Celso de Oliveira Albuquerque e para Orador official, o Senhor José Manoel Alves Correa.

Sob proposta do Sr. Martins de Oliveira, foi acciçado unanimemente, para Presidente de Honra, o Prof. Isaac Povoas.

Nada mais havendo a se tratar, foi suspensa a sessão.

Eu, 1º Secretario, lavrei a presente acta que assignarei depois de approvada.

Approvada em 16 de Maio de 1926.

Martins de Oliveira

Presidente

J. B. Pulcherio Filho

1º Secretario

Celso de Oliveira e Albuquerque

2º Secretario

Seguem-se as assignaturas

Questões

Com o fim de incentivo, abriremos aqui uma sessão de perguntas interessantes, dirigidas a uma turma de alumnos, o que não impede que outros estudiosos não possam dar a resposta desejada. Serão publicadas as mais interessantes. Enviemos as de hoje aos alumnos do quinto anno.

Passem oleo na cachola e retruquem por escripto a esta redacção:

Qual a palavra maior da lingua poituguesa? (Adiantamos que tem dozo syllabas.)

Sabêrão nos dizer quem foi Fancisco Morazán?